

Setor têxtil por um fio

DANIELA KRESCH

Os anos 90 não vão ser esquecidos pelos empresários da indústria têxtil. O setor foi um dos que mais sofreram com a abertura comercial. As fábricas de tecido tiveram que aprender a lidar com a concorrência acirrada dos produtos estrangeiros, principalmente asiáticos, muito mais baratos do que os nacionais. Mesmo com as medidas do governo para limitar a importação de tecidos daquela região, não tem sido fácil a adaptação à nova realidade, e o processo está longe de terminar. Desde o começo da década, as empresas enxugaram as folhas de pagamento e dobraram a importação de maquinário para lutar contra o sucateamento. Algumas conseguiram reagir, mas o resultado é que o Brasil tem, hoje, um setor têxtil heterogêneo, com empresas altamente competitivas, como a mineira Coteminas, e outras ainda na década passada.

De acordo com o trabalho *Cenário Macroeconômico 1997-2002*, elaborado pelo BNDES, o impacto da abertu-

ra no setor, assim como no de artigos de vestuário, couros e peles, foi maior do que nos demais. Os fabricantes de tecido tiveram desempenho reduzido em mais de 10% entre 1992 e 1996. As empresas do Rio são exemplo da queda: em 1996, faturaram 20% a menos do que no ano anterior. E o número de fábricas caiu de 338 para 187.

Para ajudar na modernização do setor, o BNDES abriu uma linha de financiamento específica em maio de 1996. De acordo com o banco, as indústrias têxteis precisam de pelo menos R\$ 3 bilhões em investimento até o ano 2000 para se tornarem mais modernas e competitivas. Ano passado, houve pedidos de R\$ 57 milhões em crédito do BNDES. Para 1997, a estimativa do banco é em prestar R\$ 300 milhões.

Uma das empresas beneficiadas com financiamento foi a Paramount Lansul, a maior produtora de lã do país, com sede no Rio Grande do Sul. Recebeu R\$ 21 milhões para modernizar seu parque industrial e comprar uma fábrica, a Caribé.